

# A arqueologia de oito lagares cavados na rocha de entre Lima e Cávado

Cláudio Laranjeira Brochado \*

*“Os fructos desta freguezia de maior abundancia são os vinhos a que chamam verdes, não so para diferenca dos maduros que produzem as vinhas e não as uveiras como nesta Provincia chamão as parreiras que aqui plantam junto a carvalheiros (...) mas se chamão verdes porque ordinariamente sem estarem maduros logo os apanhão e vindimão; entendo que pela necessidade que delles tem, pois a nenhum lavrador delles lhe chegão os fructos do anno. Assim pela sua pouca duração que em vindo os meses de Estio logo se corrompem porque todos homens mulheres e meninos o bebem como agoa e se os querem maduros e fazer bem tintos os tem muitos em balseiros ou dornas a curtir e quanto mais escuros na cor melhor os vendem e assim delles melhor gostão”*

Pe. António Nunes Carvalho, *Memória Paroquial de Abade de Neiva (Barcelos)*<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto contempla uma série de reflexões sobre os lagares cavados na rocha entre os vales do Lima e Cávado, no Noroeste de Portugal e a sua relação com sítios arqueológicos com sinais de povoamento desde a Dominação Romana até à Idade Média.

**Abstract:** This paper presents a study about rock-made wine structures between Lima and Cávado rivers within the north-western Portugal and its relations with settlement archaeological sites under the Roman period and the Middle Ages.

## 1. Introdução

O trabalho que nos propomos abordar versa uma tentativa de estabelecimento de propostas cronológicas para as estruturas e vinificação cavadas na rocha existentes no eixo geográfico longitudinal em relação aos vales do Lima, Neiva e

\* Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

<sup>1</sup> Capela, José Viriato; Borralheiro, Rogério, *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, Barcelos, 1998, p. 7



Fig. 1

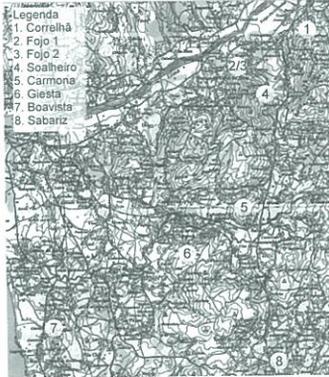


Fig. 2

Cávado, decalcando a depressão que parte da bacia do Trovela (Ponte de Lima) até ao Vale de Tamel (Barcelos). Algo deslocado desta área acha-se o alvéolo de Belinho (Esposende), já em pleno litoral (Fig. 2). Esta sistematização parte de uma série de artigos e trabalhos de síntese que deram à estampa um conjunto significativo de lagaretas

rupestres, integradas no já interessante conhecimento dos vestígios arqueológicos de cronologia romana, altimedieval e medieval neste quadrante do noroeste português<sup>2</sup>.

Estas estruturas são bem mais frequentes na região duriense<sup>3</sup>, até pela expressão quantitativa da produção vinícola daquela região desde tempos recuados, porque se aqui abordamos oito exemplares numa área que compreende cerca de 500 km<sup>2</sup>, só na freguesia de Longroiva do concelho da Meda foram cadastradas meia centena de exemplares. Não obstante, conhecem-se outros exemplares de lagares escavados na rocha no Entre-Douro-E-Minho, casos dos lagares dos castros de Ázere, Cabreiro<sup>4</sup> e do Coto da Pena – Vale (Arcos de Valdevez)<sup>5</sup> e o Lugar do Eido, freguesia de Riba de Mouro (Monção)<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> Silva, Armando Coelho Ferreira da, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986; Barroca, Mário Jorge, *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*, (Policopiado), FLUP, Porto, 1987; Almeida, Carlos A. Brochado de, "Proto-História e Romanização na Bacia Inferior do Lima", *Estudos Regionais*, 7/8, Viana do Castelo, 1990; Almeida, Carlos Alberto Brochado de, *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e Minho*, (Policopiado), vol. 1, FLUP, Porto, 1996; Idem, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho", *Boletim Cultural de Esposende*, 20, Esposende, 1998; Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Povoamento Tardo-Romano e Altimedieval na Bacia Terminal do Rio Lima (Séc. IV-XI)*, (Policopiado) FLUP, Porto, 2004

<sup>3</sup> Rodrigues, Sandra Raquel; Santos, Maria José Ferreira dos; Almeida, Pedro Brochado de, *Ranhados, uma Aldeia Duriense Tradicionalmente Ligada ao Vinho*", *Douro – Estudos e Documentos*, 13, Porto, 2002, p. 327-342

<sup>4</sup> Pereira, F. Alves, "Insculpturas em Rocha em Castros de Val-de-Vez ou vários Penedos com Pias", *O Archeólogo Português*, IV (10-12), Outubro/ Dezembro de 1898, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, p. 289; Idem, "As Lagaretas do Castro de S. Miguel-O-Anjo em Ázere", *O Archeólogo Português*, 14 (9-12) Setembro-Dezembro de 1909, Lisboa, 1909, p. 311

<sup>5</sup> Pereira, F. Alves, "Cinegética e Arqueologia", *O Archeólogo Português*, 20 (1-12) Janeiro-Dezembro de 1915, Lisboa, 1915, p. 225

<sup>6</sup> Este lagar foi identificado por nós em 2001. Será alvo de um pequeno estudo em altura oportuna.



É nosso propósito efectuar uma abordagem às principais características técnicas das estruturas e proceder à sua associação com locais do seu entorno onde foi assinalado povoamento, como sejam os vestígios materiais, documentais ou toponímicos, desde a Romanização até à Baixa Idade Média, de forma a aferir das relações entre as propostas cronológicas conhecidas para esses locais a própria cronologia destas estruturas, já que as mesmas surgem na paisagem sem contexto arqueológico.

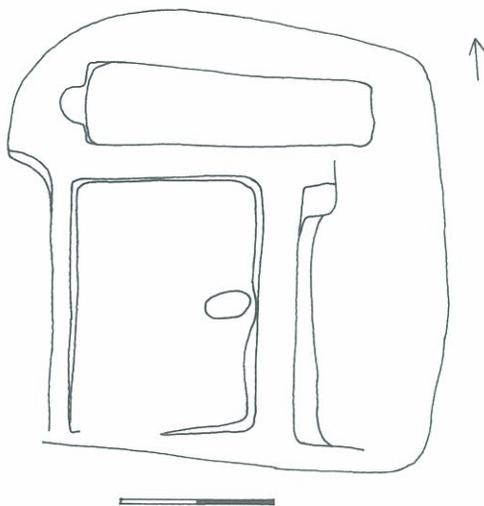


Fig. 3

### 2.1. Igreja, Correlhã – (Ponte de Lima) (N 41°44'36"/ E 0°31'46"/ 60m)

No adro da paróquia da Correlhã (Ponte de Lima), bem enquadrado pelo conjunto medievo constituído pela capela de Santo Abdão e da igreja românica, existe um afloramento granítico onde foram lavradas três sepulturas<sup>7</sup> e aquilo que parece ser um lagar<sup>8</sup> (Fig. 3). Dizemos parece pois não é fácil discernir a funcionalidade da ancha estrutura rectangular que concorre com as sepulturas de aspecto antropomórfico. A pouca profundidade das paredes, quando comparadas com a profundidade das sepulturas, bem como a existência de uma pequena depressão ovalada junto à lateral leste, são as razões que evocamos para associar esta estrutura à vinificação.

<sup>7</sup> Na bibliografia citada encontramos a referência a duas sepulturas, apesar de existirem evidências bastantes que indicam a intenção de se lavar uma terceira, também ela antropomórfica. Barreiros, Manuel de Aguiar, *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*, Porto, 1926, p. 23; Teixeira, Carlos; Medeiros, A. Cândido, *Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da Folha 5-A – Viana do Castelo*, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa, 1972, p. 40; Araújo, José Rosa, *Limiana – Página Regional de Arqueologia Artística e Etnografia*, (LIMICI, Ponte de Lima, 1991) n.º 37, 11 de Abril de 1980, p. 2; Barroca, Mário Jorge, *Necrópoles e Sepulturas Medievais...*, p. 144; Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "As Origens Pré-Românicas de Villa Corneliana", *Ensaio Monográfico da Correlhã*, Ponte de Lima, 1995, p. 135; Idem, *Povoamento Romano...*, p. 98; Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 122-126

<sup>8</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, *Povoamento Romano...*, p. 98; Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 125

Estamos perante uma estrutura de planta rectangular com 1,73m por 1,14m e 0,15m de profundidade média, ao passo que a pequena depressão que serviria para decantar o líquido resultante da espremedura tem cerca de 0,10m de profundidade<sup>9</sup>. Tem de área 2,16m<sup>2</sup>.

Este lagar está no centro de uma interessante série de elementos arqueológicos, arquitectónicos e históricos, que poderão trazer luz à sua cronologia e até atestar a sua funcionalidade primeira. Para além dos três moimentos, um das quais completo e de aspecto antropomórfico (S.1), outro do qual só podemos considerar a metade longitudinal por mor da mutilação feita certamente para alargamento do acesso ao adro (S.2) e um terceiro cuja escavação foi somente iniciada (S.3), é possível encontrar *tegula* e cerâmicas que pertencem seguramente ao Baixo-Império nos campos situados a norte do afloramento, para lá da estrada municipal. Outro elemento atribuível à romanização é o fragmento de uma inscrição aparentemente votiva, *DEANIGIS [...]/ OVIAN*<sup>10</sup>, cuja cronologia é de difícil precisão. Bem mais tardias são as referências documentais a uma importante propriedade, a "*villam quam uocitant cornelianam*", doada por Fernando Magno à Catedral de Compostela<sup>11</sup>, com referência a casas, edifícios, pomares, vinhas, soutos e pesqueiras<sup>12</sup>. Mais distantes para o norte contam-se os elementos arqueológicos que constituem a memória de uma importante *villa* com ocupação altimedieval no lugar do Paço<sup>13</sup>.

Sem prejuízo de outras hipóteses, parece-nos seguro que esta estrutura de vinificação terá uma cronologia romana tardia ou mesmo altimedieval, mal grado a tipologia não ser a mais tradicional. Em primeiro lugar porque será mais antiga que os moimentos, a fazer fé na prerrogativa de os túmulos apresentarem duas orientações distintas (as S. 2 e 3 estão orientadas norte-sul, ao passo que a S. 1 está orientada canonicamente, isto é, este-oeste), o que nos remete à condição de o lagar ser anterior e assim servir de condicionante a novas lavras, quando o canteiro, por necessidade de matéria-prima, aproveitou toda a área disponível do afloramento. Não obstante, é forçoso admitir a hipótese de o lagar também haver

<sup>9</sup> Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 125

<sup>10</sup> Almeida, Carlos A. Brochado de, *Povoamento Romano...*, p. 99

<sup>11</sup> *Portugaliae Monumenta Historica Diplomata et Chartae* (PMH-DC), Lisboa, Academia das Ciências, 1867, n.º 18

<sup>12</sup> PMH-DC n.º 19: "*id est villam quam uocitant cornelianam territorio galletie secus fluium limie cum ecclesia sancti thome apostoli per omnes suos terminus antiquos in omni circuit, et cum cunctis adiunctionibus suis et prestationibus, id est domos uel edificiiis intrinsecis suis pomares vineas salta uel omnia que iuri nostro ibi manere potuerunt usque hodie, et piscarias de ipso riuo*".

<sup>13</sup> Almeida, Carlos A. Brochado de, *Povoamento Romano...*, p. 95-97

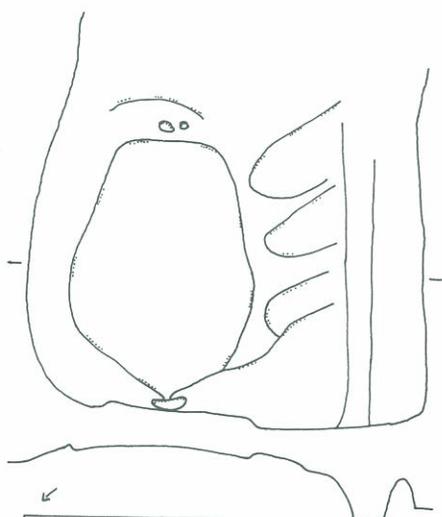


Fig. 4

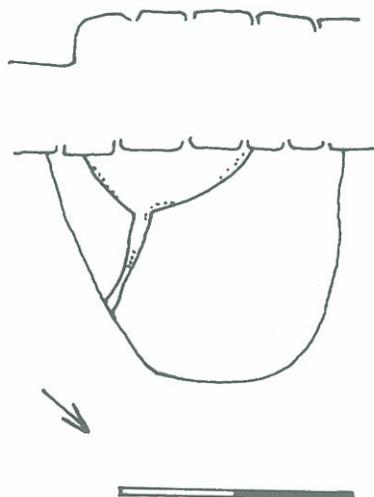


Fig. 5

servido de sepulcro, ainda que não o contrário, isto é, tratar-se de um sepulcro adaptado a lagar como defende o Professor Brochado de Almeida<sup>14</sup>. Depois pela proximidade do casal à partida subsidiário da *villa* do Paço.

Deste modo, parece lícito admitir uma baliza temporal entre os séculos IV e X-XI, se aceitarmos a cronologia do Baixo-Império para o casal que funcionou nas imediações e a última data como fecha de feitura das sepulturas antropomórficas<sup>15</sup>.

## 2.2. Fojo, Facha (Ponte de Lima) (N 41°43'00"/ E 0°29'00"/ 130m)

O Lugar de Gondim situa-se entre o outeiro onde se implanta a Capela de Santo Estevão e o Monte do Castelo, na parte ocidental da freguesia da Facha. Aqui, por entre os campos bordejados por latadas de vinha, existem dois lagares cavados na rocha<sup>16</sup>. O primeiro deles (Fig. 4) encontra-se escavado no afloramento granítico existente num campo no sítio do Fojo. Apresenta planta subcircular, com ligeira depressão para assentamento do caniço. Tem 1,25 por 0,90m e uma área de 0,90m<sup>2</sup>. De tipologia semelhante, pelo menos no que nos é dado a perceber, e não muito distante do primeiro, o segundo lagar (Fig. 5) também possui planta semicircular, mas só lhe conhecemos cerca de metade da área, já que o afloramento onde

<sup>14</sup> Almeida, Carlos A. Brochado de, *Povoamento Romano...*, p. 98

<sup>15</sup> Barroca, Mário Jorge, *Op. Cit.*, p. 140-141

<sup>16</sup> Almeida, Carlos A. Brochado de, "Proto-História e Romanização...", p. 72-78; Idem, *Povoamento Romano...*, p. 136-137; Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 143-144

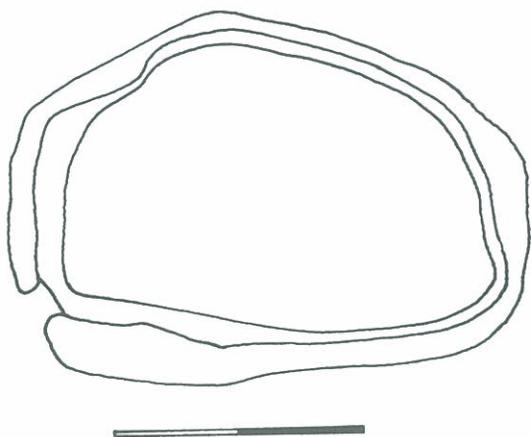


Fig. 6

foi lavrado serve de base a um tanque que serve de armazém às águas de rega. Aparenta um diâmetro máximo de 0,80m e uma área em torno dos 0,60m<sup>2</sup>.

Estes dois lagares parecem estar ligados a um casal do qual se conhecem vestígios no Fojo, patentes na *tegula*, na cerâmica de cronologia tardia no quadro da romanização e na abundante pedra de construção que se pode encontrar nos muros das

propriedades, com uma forte ligação ao *fundus* da *villa* altimedieval que se conhece no vizinho Paço Velho<sup>17</sup>. Os demais vestígios arqueológicos que se conhecem para este local, casos da necrópole da Bouça da Gateira<sup>18</sup> e o castro de Sto. Estevão<sup>19</sup>, não deverão estar ligados de forma directa aos lagares. No primeiro caso tratam-se dos enterramentos da comunidade habitante da *villa* do Paço Velho. Já o caso do povoado medieval que foi identificado no castro de Santo Estevão levanta a possibilidade de reutilizações destas estruturas, ainda que nada nos prove esta ilação.

Pela tipologia, parece-nos acertado constatar que a cronologia da construção destas estruturas de vinificação rondará os séculos IV-V a VIII-IX, a fazer fé nos fósseis directores associados à *villa* do Paço Velho.

### 2.3. Soalheiro, Facha (Ponte de Lima) (N 41°42'17"/ E 0°30'06"/ 120m)

No Lugar do Soalheiro, situado a meia encosta da vertente nascente do Monte do Castelo da freguesia da Facha, acham-se alguns elementos que poderão ter filiação romana, mormente um bloco de granito onde se podem admirar as depressões

<sup>17</sup> Almeida, Carlos A. Brochado de, *Povoamento Romano...*, p. 136 e 147; Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 40

<sup>18</sup> Baptista, António José, "A Necrópole de Gondim", *A Minha Terra*, 1976, n.º 46; Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *et alii*, "Escavações Arqueológicas no Castro de Sto. Estevão da Facha", *Separata de Arquivo de Ponte de Lima*, 3, Ponte de Lima, 1981, p. 6; Almeida, Carlos A. Brochado de, *Povoamento Romano...*, p. 330-334

<sup>19</sup> Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *et alii*, "Escavações Arqueológicas...", p. 26-27



típicas de um lagar, um capitel toscano provincial e dois fustes, bem como uma mó circular<sup>20</sup>.

O lagar (Fig. 6) encontra-se metido numa parede de um socalco. Semelhante ao congénere do Fojo, este apresenta uma planta subelíptica, medindo 1,8m de comprimento maior, 1,4m de largura máxima e apresenta uma área média de 1,8m<sup>2</sup>. Apesar de descontextualizado, como os demais elementos agrupados na habitação, não nos parece difícil imaginar a sua posição original não muito distante de onde se encontra actualmente, até porque se trata de um bloco bem dimensionado.

Para além disso este lugar encontra-se na área por nós definida como possível *fundus* da *villa* altimedieval do Paço Velho, ou seja, a partir do Rio Tinto para ocidente até ao Monte do Castelo<sup>21</sup>, pelo que deveria estar articulado com essa propriedade. Daí poder apresentar cronologias idênticas às anteriormente propostas para os lagares do Fojo, isto é, entre os séculos IV-V a VIII-IX.

#### 2.4. Carmona – Balugães (N 41°37'43"/E 0°29'08"/ 305m)

O Castro de Carmona é o mais importante povoado da Idade do Ferro do Vale do Neiva, quer pela sua extensão, quer pela riqueza arqueológica que patenteia, facto que atraiu desde cedo a atenção dos investigadores, contando-se como um dos sítios mais citados na bibliografia da especialidade<sup>22</sup>. Implantado no alto monte

<sup>20</sup> Almeida, Carlos A. Brochado de, "Proto-História e Romanização...", p. 78; Almeida, Carlos A. Brochado de, *Povoamento Romano...*, p. 134-136; Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 154-155

<sup>21</sup> Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 40 e 99

<sup>22</sup> Costa, Pe. Carvalho da, *Chorographia Portugueza*, 2º. Ed., Braga, 1888, p. 272; Argote, Jerónimo Contador de, *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, tomo II, Lisboa, 1732, p. 200; Azevedo, Pedro A., "Extractos Archeologicos das «Memórias Parochiaes de 1758»", *O Archeologo Português*, II (10-11), Outubro/ Novembro de 1896, Lisboa, Imprensa Nacional, 1896, p. 262; Figueiredo, A. Mesquita de, "Informações Archeologicas no Diccionario Geographico de Cardoso", *O Archeologo Português*, III (12), Dezembro de 1897, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, p. 283; Guerra, L. Figueiredo da, "Limia e Brutobriga", *O Archeologo Português*, V (1), Janeiro de 1899, Lisboa, Imprensa Nacional, 1899-1900, p. 6; Viana, Abel, "Através do Minho II – A Exploração Metódica dos Nossos Castros", *Gente Minhota*, 6, Braga, 1926, p. 88-90; Idem, "Justificação de um Cadastro de Monumentos Archeológicos para o Estudo da Arqueologia do Alto Minho", *Arquivo Distrital do Alto Minho*, 1, Viana do Castelo, 1932, p. 11-34; Paço, Afonso do; Quesado, A. P., "Digressões Archeológicas pelo Alto Minho I e II", *Arquivo do Alto Minho*, 6 (1-2), Viana do Castelo, 1956, p. 80-90 e p. 168-179; Neves, Leandro Quintas, "Os Castros do Norte de Portugal", *Lucerna*, 4, Porto, 1965, p. 172-180; Silva, Armando Coelho Ferreira da, *A Cultura Castreja no Noroeste...*, n.º 100; Queiroga, Francisco M. V. Reimão, *War and Castros*, Oxford, 1992, n.º 19; Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Inventário Arqueológico – Uma Viagem ao Passado Arqueológico de Balugães", *Barcelos Revista*, 2ª Série, 1, Barcelos, 1990, p. 134; Idem, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado

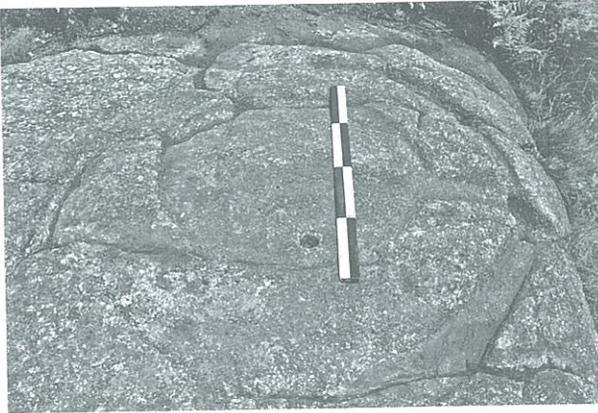


Fig. 7

da Carmona (300 metros), espalha-se pelas freguesias de Balugães e de Carvoeiro, respectivamente pertencentes aos concelhos de Barcelos e de Viana do Castelo.

Será este o “*monte carvonario*” associado ao documento 547 (1120) do *Liber Fidei* “*subtus monte carvonario et aguilar*”, que derivou em Carvoeiro<sup>23</sup>. A presença

desta referência atestará uma reocupação do sítio por alturas do processo de pressão, para defesa da população afectada ao mosteiro de Carvoeiro.

O povoado destacava-se na paisagem através das suas três linhas de muralhas. Não obstante a grande área de implantação do seu parque habitacional, pode-se verificar uma divisão tipológica e cronológica do povoado, pois se a poente a maioria das casas visíveis apuradas apresentam planta circular, o mesmo já não acontece na plataforma voltada a nascente, onde as casas apresentam plantas rectangulares e grande abundância da *tegula*<sup>24</sup>. Desta dupla tipologia poder-se-á inferir cronologias distintas, já que as construções angulares poderão ser mais tardias no quadro da Romanização<sup>25</sup>. A atestar isso mesmo concorrem as cerâmicas comuns romanas tardias e até o sistema defensivo, apoiado em fosso e talude de terra cumeado por muro, bem ao gosto dos romanos dos finais do século IV<sup>26</sup>.

Foi na vertente sul desta plataforma oriental, portanto do lado de Balugães, local onde existe penedia plana a bordejar o velho caminho de acesso ao cimo

e o Minho”, *Barcelos Património*, 5 (1), Barcelos, 1997, p. 67-72; Maciel, Tarcisio Daniel Pinheiro, *O Povoamento Proto-Histórico do Vale do Neiva*, (Policopiado) FLUP, Porto, 1997, p. 136-137; Mesquita, António; Mesquita, Avelino, *Balugães – A Sua História, As Suas Gentes*, Balugães/ Barcelos, 1997, p. 12

<sup>23</sup> Costa, Avelino Jesus da, “O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga - I”, *Separata de Biblos*, XXXIII, Coimbra, FLUC, 1959, p. 203; Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *Castelologia Medieval de Entre-Douro-E-Minho. Desde as Origens a 1220*, (Policopiado) Porto, FLUP, 1978, p. 33

<sup>24</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, “Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho”, *Barcelos Património*, 5 (1), Barcelos, 1997, p. 69-70

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*, p. 70

<sup>26</sup> Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 54-55



do monte, que se implantou a lagareta<sup>27</sup> (Fig. 7). De planta subcircular, tem cerca de 0,90m de diâmetro e uma área de 0,72m<sup>2</sup>. Possui um orifício para *malus* algo descentrado do centro do *calcatorium* e um outro mais para norte, já fora dos limites do rebordo de assentamento do caniço (Fig. 8). Não sabemos se funcionariam em articulação, o que implicaria a existência de dois *malae*, facto anómalo nas estruturas conhecidas, ou se estamos

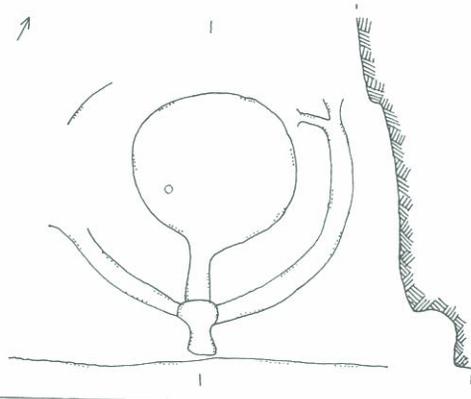


Fig. 8

na presença de uma *stipite* para apoio de um braço de sustentação do *malus*.

No que concerne à relação de proximidade entre este lagar e outros vestígios de povoamento, para além dos povoados castrejos e altomedievais da Carmona, destaca-se a existência de um outro povoado castrejo no outeiro defronte do santuário da Senhora da Aparecida<sup>28</sup>, bem como uma série de vestígios de assentamento de um casal tardo-romano de transição na Quinta da Giesta<sup>29</sup>, o povoado tardo-romano de Fundevila em Poiares e as sepulturas cavadas na rocha junto à sede da junta de freguesia de Balugães<sup>30</sup>.

Se podemos retirar os assentamentos da equação por uma questão de cronologias da introdução do cultivo da vinha nesta região da Península Ibérica, o mesmo já não é aconselhável em relação aos testemunhos altomedievais, quer a partir do século IV-V, patentes na Giesta, em Fundevila e na plataforma oriental da Carmona, quer pelas referências ao povoamento nas imediações pela referência ao castelo roqueiro<sup>31</sup> e ao assentamento que produziu os moimentos cavados na rocha, cuja datação ronda os séculos IX-X<sup>32</sup>.

<sup>27</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Inventário Arqueológico - Uma Viagem...", p. 134; *Idem*, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho", *Barcelos Património*, 5 (1), Barcelos, 1997, p. 70-71. No primeiro trabalho o investigador apontou uma lagareta, ao passo que no segundo trabalho referiu a existência de duas; como não encontramos um segundo elemento, é possível que tenha havido confusão devido à presença dos dois orifícios de implantação do *malus*.

<sup>28</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho", *Barcelos Património*, 5 (1), Barcelos, 1997, p. 65-67

<sup>29</sup> *Idem*, *Ibidem*, p. 72-74

<sup>30</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Inventário Arqueológico - Uma Viagem...", p. 138

<sup>31</sup> Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *Castelologia Medieval de Entre-Douro-E-Minho...*, p. 33

<sup>32</sup> Barroca, Mário Jorge, *Op. Cit.*, p. 140-141

## 2.5. Giesta - Durrães (Barcelos) (N 41°37'34"/ E 0°27'33"/ 280m)

O planalto que ladeia o Rio Neiva denominado por Chã de Arefe é uma das áreas com maior concentração de vestígios arqueológicos do Noroeste português. Lá conhecem-se os vestígios de dois dólmenes, a necrópole do Bronze Inicial, os povoados castrejos do Picouto dos Moiros e da Giesta, o povoado altimedieval da Chã de Milhos, as ruínas da capela de Santo António e a hipotética localização do castelo de Aguiar.

Num dos penedos que bordejia a colina onde se situa o castro da Giesta é possível identificar um lagar escavado na rocha<sup>33</sup> (Fig. 9). De técnica semelhante ao que conhecemos na encosta oriental do Castro da Carmona (Balugães), tem planta circular e uma bica modelada para escoamento do líquido obtido na prensa a sudoeste, obtido por sulcos escavados do penedo (Fig. 10). Mede 1,40 por 1,20 e tem uma área de *calcatorium* de 1,05m<sup>2</sup>. Da observação de toda a rocha, fica-nos a certeza que uma primeira versão desta estrutura vinária foi tentada na parte mais desagregada da penedia, mas a dimensão e inclinação desta provocaram a fractura de um dos rebordos, facto que motivou uma segunda fase mais conseguida e que aproveitou parcialmente os restos da primeira.

A existência de um lagar nestas latitudes poderá estar relacionado com a ocupação tardo-romana e altimedieval da Chã de Milhos ou outro assentamento de cronologias similares, mas mais afastado dos campos onde se obtinham as uvas, certamente nas proximidades deste vestígio. Exceptuando-se o castelo, todos os outros vestígios acima mencionados são incompatíveis com esta estrutura, por demasiado antigos. Mas o castelo seria local de refúgio temporário e nunca de povoamento continuado.

Assim a proposta cronológica deste elemento, até pela sua fácil articulação com o exemplar da Carmona (Balugães) rondará o período tardio romano e altimedieval, isto é, entre os séculos IV-V a VIII-IX.

## 2.6. Quinta da Boavista – Belinho (Esposende) (N 41° 35'14"/ E 0°21'12"/ 68m)

A Quinta da Boavista situa-se nas traseiras da igreja paroquial de Belinho e é uma propriedade agrícola que tem vindo a perder terrenos para a construção de moradias. Ocupa um cabeço destacado da encosta ocidental do monte da Senhora da Guia, distribuindo-se por socalcos estreitos.

<sup>33</sup> Maciel, Tarcísio Daniel Pinheiro, *O Povoamento Proto-Histórico...*, p. 142. A este autor agradecemos a oportunidade de estudo pela referência que nos transmitiu acerca da localização deste vestígio.



Fig. 9

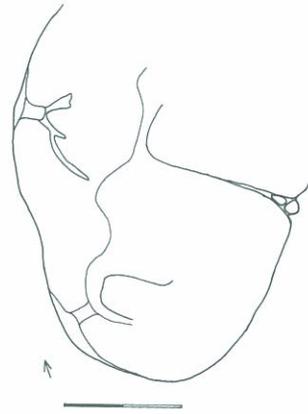


Fig. 10

Na estrutura de vinificação de contrapeso anexa à casa datável do século XVIII, foi metida uma lagareta<sup>34</sup> a servir de dormideira da vara (Fig. 11). Tem 1,20 metros de comprimento maior e cerca de 0,37m<sup>2</sup> de área. Esta lagareta esteve certamente num penedo de onde foi retirada artificialmente ou por erosão diaclástica da rocha mãe. Tem planta triangular, um orifício central onde se colocava o fuso e um entalhe a toda a volta por onde escorria o líquido (Fig. 12).

Para além das *tegulae* que podem ser encontrados nos socalcos da propriedade, o que poderá traduzir a presença de um assentamento romano, o Lugar de Sanfins está ligado à primitiva paróquia, facto atestado pela presença do silhar com almofadado losangular reaproveitado em pé de cruzeiro identificado pelo Professor Brochado de Almeida, certamente um dos restos da igreja pré-românica<sup>35</sup>. A cronologia desta lagareta é difícil de aferir, mas pela tipologia poderá ser ainda obra do Baixo Império.

## 2.7. Sabariz – Carapeços/Tamel S. Fins (Barcelos) (N 41°34'56"/E 0°30'40"/60m)

No lugar de Sabariz, junto à extrema das freguesias de Carapeços e de Tamel S. Fins, existia uma lagareta escavada na rocha<sup>36</sup>. As informações impressas apontam a sua localização para um penedo que serve de marco de confrontação entre

<sup>34</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Carta Arqueológica do Concelho de Esposende", *Boletim Cultural de Esposende*, 17, Esposende, 1990/92, p. 137-159; Idem, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho", *Boletim Cultural de Esposende*, 20, Esposende, 1998, p. 34-35

<sup>35</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Carta Arqueológica do...", p. 141

<sup>36</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho", *Barcelos Património*, 5 (1), Barcelos, 1997, p. 93-94

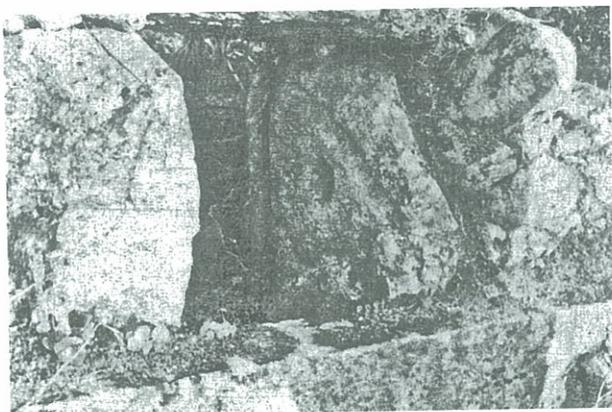


Fig. 11

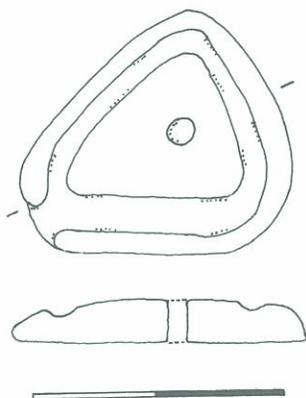


Fig. 12

as duas freguesias, actualmente coberto por lamas e espesso coberto vegetal, mas no local verificou-se existirem vestígios da mesma. Ao que parece, o proprietário do terreno, por desconhecimento da presença do vestígio, promoveu a destruição do afloramento onde a lagareta foi escavada, quando se remontaram os socalcos da propriedade. A lagareta de Sabariz, segundo informações do seu achador<sup>37</sup>, tinha uma planta sub-circular e uma bica onde se recolhia o líquido após o esmagamento e compressão do mosto. Nada mais sabemos dela nem contudo existem imagens que a ilustrem.

Na envolvente a este vestígio não foi identificado ainda qualquer sinal da presença de povoamento antigo, exceptuando-se dois topónimos germânicos, Sabariz e Ufe, relacionados certamente com o arroteamento da área durante o período suevo-visigodo ou até durante a Reconquista. No raio de 1 quilómetro existem vestígios de *tegula* no lugar da Mâmua (Carapeços)<sup>38</sup>, ainda que associada a *dolia* e cerâmicas castrejas; *tegula*, junto à igreja paroquial de Tamel S. Fins, certamente vestígios de um casal de cronologia tardia romana ou mesmo altimedieval<sup>39</sup>; e *tegula* junto à igreja de Campo, talvez com as mesmas características de assentamento e cronologias dos vestígios nomeados na igreja de Tamel S. Fins<sup>40</sup>.

É difícil aferir uma relação directa entre os vestígios nomeados e a lagareta em evidência, mas é possível discernir, até pela sua localização nas margens de

<sup>37</sup> Agradecemos ao Professor Doutor Brochado de Almeida as informações complementares fornecidas acerca desta estrutura.

<sup>38</sup> Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho", *Barcelos Património*, 5 (1), Barcelos, 1997, p. 94-95

<sup>39</sup> Idem., *Ibidem*, p. 148

<sup>40</sup> Idem., *Ibidem*, p. 78-79



um ribeiro e em zona alagadiça, que estaria distante da habitação do proprietário, portanto, mas nas imediações de uma vinha. É possível que esta estrutura possa ter estado associada fortemente à presença da toponímia germânica, ainda para mais quando sabemos de antemão a propensão do antropotopónimo *Sabariz* para acompanhar vestígios tardo-romanos e altomedievais<sup>41</sup>.

A documentação medieval nomeia por mais de uma vez propriedades sitas em *Sabariz* em pleno século XII (“*nostra hereditate quam habemus in villa Tamial in loco predicto Savariz quanta que habemus de qualibet parte pre suis locis et per suis terminis antiquis*”)<sup>42</sup>, na condição se que o arroteamento desta área é bem mais antigo; desse período poderá ser a lagareta.

### 3. Perspectivação Tecnológica, Tipológica e Cronológica

Este tipo de estruturas de vinificação não era revestido pela complexidade proposta por Brochado de Almeida e seus colaboradores no ensaio sobre lagares de *torcolarium* adaptados às estruturas cadastradas na região duriense<sup>43</sup>. Aqueles autores apresentaram um modelo constituído a partir dos vestígios de *calcatarium*, *lacus* e *stipites*, adicionando-lhe os elementos conhecidos na etnografia para este tipo de estruturas (Fig. 13)<sup>44</sup>. Os lagares que estudamos eram mais simples e de mais fácil utilização, ainda que seja lícito admitir que não tão eficientes como os da região vinhateira do Douro.

Assim, o lagar tipo por nós estudado tinha uma *area*, definida por um sulco de planta mais ou menos circular, cuja depressão era orientada para uma bica escavada em cota inferior, de modo a poder-se conduzir o líquido resultante do esmagamento, a chamada *pisa de bica aberta*<sup>45</sup>, para odres (ou talhas?), através dos quais se efectuava o transporte do líquido até ao local do armazenamento. Coincidente com o sulco era colocado um caniço, certamente feito em madeira ou em entrançado de vime, onde eram acondicionadas as uvas para serem espremidas através da pisa e depois

<sup>41</sup> Brochado, Cláudio Laranjeira, *Op. Cit.*, p. 107

<sup>42</sup> Costa, Avelino Jesus da, *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, Vol. II, Braga 1978, doc. n.º 467; Idem, “*Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*”, *O Distrito de Braga*, IV da 2ª Série (VIII), Braga, 1979, p. 215-298, doc. n.º 718

<sup>43</sup> Almeida, Carlos A. Brochado de; Antunes, João M. Viana; Faria, Pedro F. Baêre de, “Lagares Cavados na Rocha: uma Reminiscência do Passado na Tradição da Técnica Vinícola no Vale do Douro”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (2), Lisboa, 1999, p. 97-103

<sup>44</sup> Almeida, Carlos A. Brochado de, *et alii*, “Lagares Cavados na Rocha...”, p. 100

<sup>45</sup> Alarcão, Jorge de, “A Tecnologia Agrária Romana”, in *Portugal Romano - A Exploração dos Recursos Naturais*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1998, p. 146

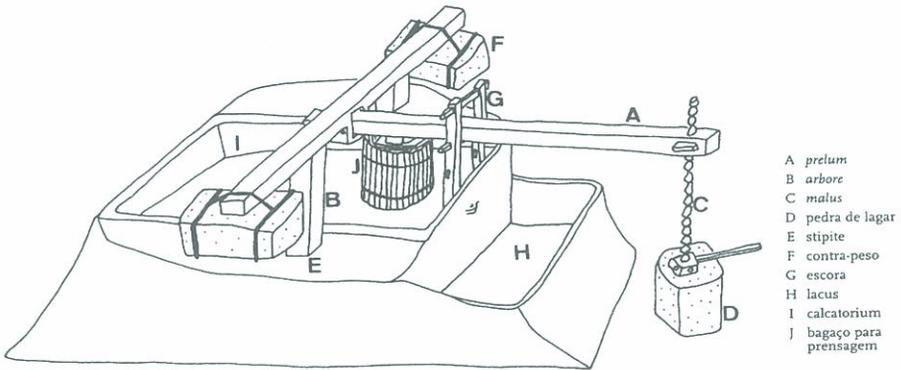


Fig. 13

prensadas. O caniço não deveria ser muito alto, caso contrário entraria em desequilíbrio, devendo obedecer a uma proporção de dois terços de altura sobre o diâmetro da base. Por seu turno, a prensagem deveria ser efectuada recorrendo-se a um *malus* onde era acoplado um malhete, ou seja, uma espécie de porca que rodava no parafuso e que faria a pressão sobre as mesas, espremendo-se daquela forma o mosto.

O cálculo da superfície da *area* poderá ser uma forma de aproximação indirecta à quantidade de vinho produzido nestes lagares, na condição de que a expressão da superfície disponível à colocação das uvas para esmagamento seria proporcional à dimensão da propriedade vinhateira, já que não é possível estimar a cubicagem máxima por não existirem *lacus* em qualquer dos exemplares revistos. Na comparação entre as *areas* dos lagares (Quadro 1) é notória a aproximação dos valores médios (1,08m<sup>2</sup>), tendo em conta que os lagares da Boavista e da Correlhã são dotados respectivamente do menor (0,37m<sup>2</sup>) e o do maior (2,16m<sup>2</sup>) perímetro.

Quadro 1: Area dos lagares

Lagar	Área (m <sup>2</sup> )
Correlhã	2,16
Fojo 1	0,90
Fojo 2	0,60
Soalheiro	1,80
Carmona	0,72
Giesta	1,05
Boavista	0,37
Sabariz	-



Se equacionarmos o quadro tipológico (Quadro 2) que congrega as estruturas acima nomeadas, facilmente se percebe que a sua grande maioria partilha características similares, as quais, longe de as aportar a um mesmo obreiro, transmitem uma clara tendência à aproximação das técnicas de produção dos mesmos.

**Quadro 2:** Sinopse tipológica associada às cronologias dos habitats envolventes

Lagar	Tipo de Planta			Cronologia dos Vestígios			
	Círculo	Quadrad.	Triângul.	IV-V	VI-VIII	IX-XI	XII-sg
Correlhã		X		X		X	X
Fojo 1	X			X	X		X
Fojo 2	X			X	X		X
Soalheiro	X			X	X		
Carmona	X			X	X	X	
Giesta	X			X	X	X	
Boavista			X	X	X	X	
Sabariz	X				X	X	X

Num primeiro grupo, os lagares do Fojo, Soalheiro, Giesta, Carmona e Sabariz, este a fazer crer as informações que nos transmitiram, são tipologicamente muito semelhantes, já que apresentam a planta subcircular ou subelíptica, com rebordo e canal e bica funda, com apenas superfície do *area*, sem recurso ao orifício para assentamento do *malus* (excepção feita ao de Carmona). Por seu turno, os lagares da Igreja da Correlhã e da Boavista, apresentam traçados da *area* divergentes, respectivamente subquadrangular e subtriangular, para além de o primeiro não possuir bica, antes uma cova para decantação do líquido, ao passo que o segundo tem orifício para *malus* e é bem mais diminuto.

A questão da obtenção do líquido é, pois, um problema, porque só dois dos lagares apresentam orifícios para implantação de *malus*. Deste modo estamos em crer que o esmagamento nos restantes (a grande maioria) se processava através da técnica da pisa em bica aberta e que a existência do *malus* só ocorreria nos lagares cuja proximidade aos povoados não implicasse uma inconveniente deslocação desse tipo de aparelhagem. Por isso também é difícil discernir com qualidade se os vinhedos estariam próximos dos lagares, mas julgamos muito verosímil que os lagares da Correlhã, Carmona, Giesta e Boavista parecem estar muito próximos do assentamento do(s) seu(s) proprietário(s). Por seu turno, os lagares do Fojo, Soalheiro e Sabariz estariam mais próximos das vinhas.

Ao nível das associações entre os lagares e os vestígios de povoamento no seu entorno, é possível perceber que exceptuando o caso de Sabariz, todos eles se encontram implantados em locais dotados de grande densidade arqueológica, em especial os de cronologia tardia romana e altomedieval. É de realçar de igual modo a grande apetência dos lagares do tipo 1 (planta subcircular) para a associação com os vestígios datáveis entre os séculos IV-VIII, ainda que seja forçoso aceitar que todos eles foram reutilizados durante séculos.

#### 4. Conclusões

A primeira ilação retirada da feitura deste trabalho é a semelhança técnica da maior parte dos casos apresentados. Uma das razões que poderá explicar a homogeneidade dos lagares do primeiro grupo é a sua posição em relação à via romana secundária, depois via medieval estruturante entre o Cávado e o Lima, que cruzava o rio Neiva por estas latitudes, desde o Porto em direcção a Ponte de Lima<sup>46</sup>. Todos eles estão situados nas suas imediações, pelo que não é de estranhar que a estrada tenha servido de veículo da técnica. A via secundária poderá ter funcionado como foco de divulgação deste tipo de estrutura.

A existirem diferenças morfológicas entre os lagares, elas são ténues e dever-se-ão a circunstâncias relacionadas com a qualidade, posição e extensão da matéria-prima, isto é, dos afloramentos onde o lagar foi lavrado, em detrimento das questões da técnica de fabrico. O lagar da Giesta é disso prova: a existência de duas bicas e a posição das fracturas provam-nos que o artifice abandonou uma primeira versão, a do lado setentrional, em detrimento da face sobrevivente à fractura, condicionando a sua obra, mas optando sempre pelo *seu* modelo. Até a *area* do primeiro modelo foi reorientada para servir de espaço útil para a sua sucedânea.

A existência destes lagares dá-nos a certeza que este vale constituía uma interessante região vinhateira, cuja expressão é quase impossível adivinhar, mas que demandava estruturas de vinificação. Isto remete-nos para a questão da posição dos lagares face à propriedade e da proximidade de caminhos velhos no seu entorno. É que no caso de o lagar se situar na proximidade dos povoados existe uma maior probabilidade de estar com eles relacionado cronologicamente, ao passo que o inverso significaria a predilecção do lagar pela imediação das vinhas e o necessário transporte do líquido obtido para os locais de armazenamento.

<sup>46</sup> Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *Vias Medievais de Entre-Douro-E-Minho*, (Policopiado) FLUP, Porto, 1968, p. 185; Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Inventário Arqueológico - Uma Via-gem...", p. 144



Assim, estamos em crer que este tipo de estruturas cavadas na rocha teriam sido introduzidas nesta área a partir dos séculos III-IV, alturas da mais funda romanização e aproveitamento dos solos<sup>47</sup>, onde a vinha teria ganho o seu espaço próprio. Ao longo dos períodos seguintes foram-se implantando lagares noutros locais, coincidindo com a área de influência da via romana secundária, o que explica a grande coerência técnica entre eles. De facto todos eles estão acompanhados de vestígios cuja moldura cronológica se compreende entre os séculos IV e XI, o que diz não só da sua própria cronologia como até da grande apetência dos sítios onde foram lavrados para comportar o povoamento.

Por fim, entendemos que estas estruturas de vinificação expressam bem a antiguidade e a tradição da produção dos vinhos verdes nesta região, admitindo-se a existência de outros exemplares até agora desconhecidos, mas que a fortuna se encarregará de os colocar ao dispor dos investigadores.

## Bibliografia

- Alarcão, Jorge de, "A Tecnologia Agrária Romana", in *Portugal Romano - A Exploração dos Recursos Naturais*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1998
- Almeida, Carlos A. Brochado de, "Proto-História e Romanização na Bacia Inferior do Lima", *Estudos Regionais*, 7/8, Viana do Castelo, 1990
- Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Inventário Arqueológico - Uma Viagem ao Passado Arqueológico de Balugães", *Barcelos Revista*, 2ª Série, 1, Barcelos, 1990, p. 131-146
- Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Carta Arqueológica do Concelho de Esposende", *Boletim Cultural de Esposende*, 17, Esposende, 1990/92, p. 137-159
- Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "As Origens Pré-Românicas de Villa Corneliana", *Ensaio Monográfico da Correlhã*, Ponte de Lima, 1995, p. 135-148
- Almeida, Carlos Alberto Brochado de, *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e Minho*, (Policopiado), vol. 1, FLUP, Porto, 1996
- Almeida, Carlos Alberto Brochado de, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho", *Barcelos Património*, 5 (1), Barcelos, 1997
- Almeida, Carlos A. Brochado de, "Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho", *Boletim Cultural de Esposende*, 20, Esposende, 1998
- Almeida, Carlos A. Brochado de; Antunes, João M. Viana; Faria, Pedro F. Baère de, "Lagares Cavados na Rocha: uma Reminiscência do Passado na Tradição da Técnica Vinícola no Vale do Douro", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (2), Lisboa, 1999, p. 97-103
- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*, (Policopiado) FLUP, Porto, 1968

<sup>47</sup> Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, "Notas Sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal", *Revista da Faculdade de Letras - Série de História*, 3, Porto, FLUP, 1972, p. 114 e 117

- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, "Notas Sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal", *Revista da Faculdade de Letras - Série de História*, 3, Porto, FLUP, 1972, p. 113-139
- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho. Desde as Origens a 1220*, (Policopiado) Porto, FLUP, 1978
- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *et alii*, "Escavações Arqueológicas no Castro de Sto. Estevão da Facha", Separata de *Arquivo de Ponte de Lima*, 3, Ponte de Lima, 1981
- Araújo, José Rosa, *Limiana - Página Regional de Arqueologia Artística e Etnografia*, (LIMICI, Ponte de Lima, 1991) n.º 37, 11 de Abril de 1980
- Argote, Jerónimo Contador de, *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, tomo II, Lisboa, 1732
- Azevedo, Pedro A., "Extractos Archeologicos das «Memórias Paroquiais de 1758»", *O Archeologo Português*, II (10-11), Outubro/ Novembro de 1896, Lisboa, Imprensa Nacional, 1896, p. 252-264
- Baptista, António José, "A Necrópole de Gondim", *A Minha Terra*, 1976, n.º 46
- Barreiros, Manuel de Aguiar, *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*, Porto, 1926
- Barroca, Mário Jorge, *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*, (Policopiado), FLUP, Porto, 1987
- Brochado, Cláudio Roberto Laranjeira, *Povoamento Tardo-Romano e Altomedieval na Bacia Terminal do Rio Lima (Séc. IV-XI)*, (Policopiado) FLUP, Porto, 2004
- Capela, José Viriato; Borralheiro, Rogério, *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*", Barcelos, 1998
- Costa, Pe. Avelino Jesus da, "O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga - I", Separata de *Biblos*, XXXIII, Coimbra, FLUC, 1959
- Costa, Pe. Avelino Jesus da, *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, Vol. II, Braga 1978
- Costa, Pe. Avelino "Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae", *O Distrito de Braga*, IV da 2ª Série (VIII), Braga, 1979, p. 215-298
- Costa, Pe. Carvalho da, *Chorographia Portuguesa*, 2º. Ed., Braga
- Guerra, L. Figueiredo da, "Limia e Brutobriga", *O Archeologo Português*, V (1), Janeiro de 1899, Lisboa, Imprensa Nacional, 1899-1900, p. 2-7
- Figueiredo, A. Mesquita de, "Informações Archeologicas no Dicionario Geographico de Cardoso", *O Archeologo Português*, III (12), Dezembro de 1897, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, p. 218-223
- Maciél, Tarcisio Daniel Pinheiro, *O Povoamento Proto-Histórico do Vale do Neiva*, (Policopiado) FLUP, Porto, 1997
- Mesquita, António; Mesquita, Avelino, *Balugães - A Sua História, As Suas Gentes*, Balugães/ Barcelos, 1997
- Neves, Leandro Quintas, "Os Castros do Norte de Portugal", *Lucerna*, 4, Porto, 1965, p. 172-180
- Paço, Afonso do; Quesado, A. P., "Digressões Arqueológicas pelo Alto Minho I e II", *Arquivo do Alto Minho*, 6 (1-2), Viana do Castelo, 1956, p. 80-90 e p. 168-179
- Pereira, F. Alves, "Insculpturas em Rocha em Castros de Val-de-Vez ou vários Penedos com Pias", *O Archeologo Português*, IV (10-12), Outubro/ Dezembro de 1898, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, p. 289-303
- Pereira, F. Alves, "As Lagaretas do Castro de S. Miguel-O-Anjo em Ázere", *O Archeólogo Português*, 14 (9-12) Setembro-Dezembro de 1909, Lisboa, 1909, p. 310-314



- Pereira, F. Alves, "Cinegética e Arqueologia", *O Archeólogo Português*, 20 (1-12) Janeiro-Dezembro de 1915, Lisboa, 1915, p. 224-258
- Portugaliae Monumenta Historica Diplomata et Chartae (*PMH-DC*), Lisboa, Academia das Ciências, 1867
- Queiroga, Francisco M. V. Reimão, *War and Castros*, Oxford, 1992
- Rodrigues, Sandra Raquel; Santos, Maria José Ferreira dos; Almeida, Pedro Brochado de, Ranhados, uma Aldeia Duriense Tradicionalmente Ligada ao Vinho", Douro – Estudos e Documentos, 13, Porto, 2002, p. 327-342
- Silva, Armando Coelho Ferreira da, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986
- Teixeira, Carlos; Medeiros, A. Cândido, *Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da Folha 5-A – Viana do Castelo*, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa, 1972
- Viana, Abel, "Através do Minho II - A Exploração Metódica dos Nossos Castros", *Gente Minhota*, 6, Braga, 1926, p. 88-90
- Viana, Abel, "Justificação de um Cadastro de Monumentos Arqueológicos para o Estudo da Arqueologia do Alto Minho", *Arquivo Distrital do Alto Minho*, 1, Viana do Castelo, 1932, p. 11-34

